

# Assistência médica: avanço ou recuo?

**NELSON GUIMARÃES PROENÇA**

Recebo carta de médico, ex-aluno de nossa Faculdade, que está completando seu terceiro ano de trabalho, em grande instituição americana.

Prende voltar em princípio de 1990 e me pergunta, como professor e profissional com quem se identifica, que perspectivas terá quando aqui retornar. Afinal, diz em sua carta, as notícias que recebe do Brasil são inquietantes, antevendo um retorno e reintegração profissional nada tranquilos.

Para responder, tive de refletir muito sobre o momento que vivemos. E foi assim que lhe respondi:

"No Brasil, as áreas de Educação e Saúde não vão bem. Nem no ensino, nem na prática profissional. É difícil explicar este despreço pelos campos fundamentais que alicerçam a sociedade e abrem perspectivas para seu futuro, que são exatamente a educação e a saúde. Tanto mais quando se sabe que, apesar da inflação alucinante, a economia não para de crescer, em todos os setores, demonstrando que, por esse lado, as coisas correm bem.

Nenhum economista consegue explicar o que se passa no Brasil, por isso não serei eu quem vai fazê-lo. Se constato o fato, é para dizer que nossas faculdades de Medicina, bem como todo o sistema assistencial, vivem em permanente dificuldade. E não há perspectiva imediata de que venha a ser diferente.

Mas isto já vem sendo assim, pelo menos desde os últimos anos da década dos 70. E por toda esta década dos anos 80.

Alunos ou professores em prolongadas greves, contra as más condições de ensino, contra a falta de recursos materiais, contra a má remuneração dos docentes, passaram a fazer parte do cotidiano, nestes últimos 15 anos. A tal ponto que pode, hoje, o sistema educacional federal permanecer em greve por dois meses, como aconteceu recentemente, sem que ninguém disso tome conhecimento.

Este panorama não apresenta, até aqui, nenhum indicio de que venha a se alterar, em futuro próximo. E, no entanto, aqui e ali vão surgindo experiências novas propostas novas, que começam a dar certo. Veja-se o exemplo que nos vem da Fundação Zerbini, que administra o In-  
côr.

Para quem se dispõe a trabalhar duro, dedicando-se com alma àquilo

que faz, mesmo em condições pouco favoráveis, o caminho está aberto. É óbvio que a caminhada terá tanto mais possibilidade de conduzir ao êxito, quando se faz uma análise adequada do que está ocorrendo em nosso país. Para que se possa caminhar na direção certa, e não na contramão da História.

Em primeiro lugar, é preciso compreender que o tempo do paternalismo já passou. Antes, o governo era capaz de tudo prover. Não só quanto ao aparelho educacional, como também quanto aos serviços assistenciais. O primeiro preparando profissionais, o segundo garantindo seus empregos. E o governo assim assegurava tudo, não só para o sistema educacional e de saúde que lhe são próprios, como também para as fundações, as entidades beneficentes etc. Hoje isto se tornou coisa do passado. Cada qual terá de reaprender a caminhar. Não mais com as muletas governamentais, mas com as próprias pernas. Amparado por sua própria cabeça. Paternalismo é coisa de Brasil-Colônia, de Brasil-Império, de Brasil-Velha República, de Brasil-Autoritarismo Militar.

## Carta a um médico que deseja voltar ao Brasil

Os milhões que esperavam da Nova República mais paternalismo, mais milagre da multiplicação dos pães, mais benesses, sentem-se, hoje, profundamente frustrados. Muitos suspirando pelos tempos do arbitrio, outros pelo paternalismo carismático do getulismo. Não faltam até os que proponham o retorno à monarquia, tendo mesmo conseguido data para um plebiscito nacional. O que na verdade muitos não compreendem é que estamos caminhando para uma Novíssima República. Para uma sociedade moderna, onde o pré-requisito fundamental é que todos tenham igual oportunidade — mas, igualmente, na qual todos estarão buscando a diferenciação pela qualidade daquilo que, em cada campo de atividade humana, serão capazes de oferecer ao conjunto social.

Assim será também na educação médica e na saúde. Quem for capaz de gerir bem os recursos que vierem a ser postos à sua disposição, para formar novos profissionais ou para bem atender à população, serão reconhecidos pelo seu mérito e competência. E receberão mais e mais recursos.

A imensa maioria dos que apenas andam pelos corredores de fa-

culdades e de hospitais, freqüentam as salas de conforto médico ou vão às cantinas dos estudantes, para maldizer as condições de trabalho e de remuneração a que estão submetidos, não irão sair da situação em que se encontram. Já os que aceitaram o desafio da competição e souberem se estruturar profissionalmente para atender as suas aspirações e necessidades pessoais e familiares, irão deslanchar nesta nova sociedade.

Quem mais grita hoje, e com razão, são todos aqueles que se tornaram Estado-dependentes e que não previram a nova era que estamos adentrando. A razão até que lhes assiste, pois foram apanhados de surpresa ao serem desembarcados, perdendo a situação cômoda em que se encontravam, de comensais do grande bolo estatal.

Incluem-se neste coro de protestos os hospitais privados com finalidade lucrativa e o sistema filantrópico hospitalar, que floresceram à sombra das verbas estatais, bem como todas as categorias de médicos autônomos, credenciados pelo sistema previdenciário. Estão desembarcados todos, à beira da estrada, clamando para que a roda da História comece a andar para trás, recolhendo os apeados e devolvendo a tranquilidade de antes.

Isto não mais irá acontecer. A história de uma sociedade nunca caminha para trás. Às vezes tentam-se reproduzir situações já ultrapassadas, mas isto é desastroso para as sociedades que a tais experiências são submetidas. A Novíssima República, a sociedade brasileira dos anos 2000, está começando a se delinear, em todos os campos de atividade econômica e social. Na área da Saúde e da Educação, a ascensão de um esquerdismo comprometido com o velho, com o ultrapassado, com o obsoleto, está dificultando o desabrochar de novas idéias, de novos rumos, de novos progressos.

Mas certamente não será sempre assim: as necessidades de cada um e de toda sociedade estão exigindo, a cada instante, que novas propostas sejam amadurecidas e postas em prática — e isto irá ocorrer.

Abriu as cabeças, sacudindo para fora as peias dos jargões e das frases feitas, é o primeiro passo a ser dado. Total disposição para trabalhar duramente, efetivando os projetos delineados, é a etapa seguinte.

O resto é uma questão de algum gênio e muita competência. E de tempo.

O dr. Nelson Guimarães Proença é presidente da Associação Paulista de Medicina.